

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

Raphael Moura Rolim<sup>1</sup>  
 Paula Ingrid Vieira Lima<sup>2</sup>  
 Endyara Rayza Santana Ferreira<sup>3</sup>  
 Afonso Antônio Machado<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Psicologia, UniNassau Natal/RN

<sup>2</sup>Departamento de Educação Física, Universidade de Pernambuco

<sup>3</sup>Departamento de Psicologia, UniFacex

<sup>4</sup>Instituto de Biociências UNESP Rio Claro/SP

## RESUMO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema complexo e pouco explorado por professores de Educação Física. Objetivou-se realizar uma análise de conteúdo com as seguintes categorias de análise: Educação Física; Inclusão; Autismo; Autismo e Inclusão, e Educação Física e Inclusão, sendo avaliadas 58 produções. Os temas abordados foram “A inclusão de estudantes com TEA em escolas regulares” e “Educação Física Escolar e Autismo: dificuldades dos professores e benefícios para estudantes”. Os resultados encontrados apresentaram as seguintes abordagens: Educação Física no ensino escolar, Autismo e inclusão nas escolas, Legislação sobre inclusão e Dificuldades dos professores com alunos com autismo. Adicionalmente, foi realizada pesquisa qualitativa com pais e ou responsáveis de crianças com autismo por meio de questionário *on line*. Foram analisadas percepções de 28 pais e responsáveis por crianças com diferentes graus de TEA sobre a importância da educação física no transtorno. Os resultados mostraram que 62% dos pais e responsáveis consideram essencial aulas de educação física principalmente para melhoria da socialização e interação com outras crianças. No entanto, a maioria dos entrevistados relataram que os profissionais não estão preparados para atender a esta demanda. As produções evidenciaram as carências que ainda existem no sistema educacional inclusivo, tanto de profissionais habilitados quanto de recursos e investimentos; as dificuldades pelas quais os professores possuem em trabalhar com as especificidades de cada deficiência e em especial, do autismo; bem como, os inúmeros benefícios motores, cognitivo e sócio afetivos ocasionados por uma prática inclusiva eficaz.

**Palavras-chave:** Inclusão. Autismo. Educação Física escolar.

## SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

### ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) children inclusion is a complex and not yet fully explored by Physical Education teachers. The aim is was content analysis systematize in Physical Education; Inclusion and Autism, which 58 productions were evaluated. The topics addressed were “The inclusion of students with ASD in schools” and “School Physical Education and Autism: difficulties for teachers and benefits for students”. The results found presented the following approaches: Physical Education in school education, Autism and inclusion in schools, Legislation on inclusion and Difficulties of teachers with students with autism. Additionally, a qualitative research was also carried out with parents and / or responsible of child with autism by an online questionnaire. Perceptions of 28 parents/responsible of autism children were analyzed on the importance of physical education in this disorder. The results showed that 62% of parents considered essential the physical education classes mainly to improve socialization and interaction with other children. However, most participants reported professionals are not prepared to lead this demand. The productions highlighted the shortcomings that still exist in the inclusive educational system, both for qualified professionals and for resources and investments; the difficulties that teachers have in working with the specificities of each disability and in particular, autism; as well as, the motor, cognitive and socio-affective benefits brought about by an effective inclusive practice.

**Keywords:** Inclusion. Autism. School Physical Education.

## INTRODUÇÃO

A discussão acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) permeia a atuação de profissionais de várias áreas do conhecimento, e especialmente no âmbito educacional, visando favorecer a aprendizagem de estudantes com TEA, em uma perspectiva que envolve o processo pedagógico, fatores sociais e emocionais, acompanhando o ritmo individual de aprendizagem (BENITEZ; DOMENICONI, 2018).

A Associação Americana de Psiquiatria possui o Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais, o DSM-5, onde se encontram os transtornos do neurodesenvolvimento como Deficiência Intelectual, Transtorno de Comunicação e Transtornos Globais do Desenvolvimento, dos quais estão incluídos o Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett, absorvidos por um único diagnóstico: Transtornos do Espectro Autista. A mudança refletiu a visão científica de que aqueles transtornos são, na verdade, uma mesma condição com gradações em dois grupos de sintomas: déficit na comunicação e interação social, padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos (ARAÚJO; NETO, 2014).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), aponta que a educação de pessoas com deficiência deve acontecer, preferencialmente, na rede regular sendo um dever do Estado e da família promovê-la. Nisto, o objetivo da escola é oferecer o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o mercado de trabalho. Em 27 de dezembro de 2012, foi sancionada a Lei nº 12.764, que “Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” (BRASIL, 2012). Além de reconhecer a pessoa com TEA como “pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (Lei nº 12.764, § 2o), produz incidências em diversos campos como na esfera assistencial, educacional/pedagógica, científico/acadêmica, político/gestora, bem como no campo dos direitos básicos.

Destaca-se neste contexto a Educação Física como componente curricular obrigatório na escola, e que vem possibilitando a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas necessidades, proporcionando valorização e integração social. Neste sentido, é primordial o discurso da inclusão dentro do ambiente escolar, aprofundando conhecimentos e metodologias para realizar as intervenções apropriadas, diante da diversidade de deficiências e limitações (FIORINI; MANZINI, 2014).

O índice de inclusão de pessoas com deficiência em classes regulares passou de 85,5% em 2013 para 90,9% em 2017. A maior parte dos alunos com deficiência, no entanto, não tem acesso ao atendimento educacional especializado. Somente 40,1% conseguem utilizar o serviço. A falta de formação especializada ou continuada; ou ainda a ausência de equipamentos adequados à realidade dos estudantes ocasiona estas estatísticas.

Ao se considerar o momento atual do Brasil, em meio a crises políticas, econômicas e sociais, se ressalta a necessidade de discutir sobre o tema da inclusão de alunos com autismo no meio social e educacional. Sobre este último, particularmente, da Educação Física escolar, onde o assunto é cercado de preconceitos e desinformação, mesmo considerando os avanços tecnológicos e da possibilidade de acesso aos conteúdos que poderiam gerar mais esclarecimentos e uma abordagem mais humana e eficaz frente às demandas mais singulares.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

### Tipo de Estudo

Este estudo se apresenta como descritivo e de abordagem qualitativa dos dados, contendo Revisão de Literatura e Coleta de Dados, onde foi possível dialogar com os estudos publicados e uma amostra levantada mediante entrevista. A Revisão da Literatura específica foi realizada a partir do objeto investigado e documentos oficiais referentes as categorias (Inclusão; Autismo; Educação Física Escolar), assim como, com a utilização da base de dados eletrônicos de periódicos, visando a análise das publicações indexadas na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. A investigação envolveu a busca por estudo que contenham os seguintes descritores em português: Educação Física; Inclusão; Autismo. Além das associações entre Autismo e Inclusão, e Educação Física e Inclusão.

### Análise de Conteúdo

Os artigos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo com ênfase nas principais produções de cada artigo analisado. Os textos foram selecionados a partir de critérios de tematização da Educação Física escolar e o autismo, o arco temporal entre 2007 e 2018 e pesquisas no formato de

artigos originais. Foram excluídas as pesquisas no formato de resumo, teses e dissertações. Inicialmente foi realizada uma leitura flutuante dos textos, compondo a chamada pré-análise. Em seguida, os dados foram categorizados com base na análise das unidades de contexto, definidas conforme as categorias do estudo que, posteriormente, foram recortados nas ideias constituintes dos temas de análise. As unidades de contexto para codificação e categorização dos dados coletados nos artigos foram as seguintes: Educação Física no ensino escolar; Processos de inclusão no ambiente escolar; Conceito de Transtorno do Espectro Autista; Autismo e inclusão em escolas; Legislação sobre inclusão; Dificuldades dos professores com alunos com autismo; Benefícios da inclusão para estudantes.

### **Amostra**

A amostra do presente estudo foi composta por vinte e oito pais ou responsáveis de crianças com TEA. As pessoas que participaram da coleta de dados concordaram em contribuir de forma voluntária através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo atendidos os princípios éticos para realização da coleta de dados.

### **Procedimentos**

O contato foi estabelecido através de uma instituição destinada a crianças autistas na cidade de Natal/RN, fazendo com que os pesquisadores mantivessem a possibilidade de apresentar a pesquisa e realizar a coleta de dados.

### **Instrumento**

Como instrumento de pesquisa, foi adotado um questionário com dez perguntas, sendo quatro objetivas e seis discursivas, desenvolvido para a finalidade proposta nessa pesquisa. O questionário foi produzido através da plataforma online do *Google Forms* e o *link* disponibilizado para os pais ou responsáveis. Esse instrumento foi escolhido em virtude das vantagens obtidas em uma coleta *online*, como a rapidez para ter acesso aos entrevistados e aos dados obtidos, redução dos custos, anonimato das respostas e maior alcance.

### **Abordagem dos Dados**

A partir da categorização, este estudo se apresenta como descritivo e de abordagem qualitativa dos dados, sendo a análise de conteúdo e pesquisa de campo divididos da seguinte forma: Desenvolvimento infantil, o Transtorno do Espectro Autista e o papel da educação inclusiva; o papel da Educação Física escolar na inclusão dos estudantes com TEA; Análise crítica dos dados encontrados nos artigos científicos abordados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Análise de Conteúdo**

Sobre processos de inclusão no ambiente escolar, Eldevik *et al.*, (2009) apresentam uma meta-análise verificando que são poucas as escolas inclusivas no país. Estatísticas mostram baixa adesão de alunos com deficiência nas escolas. Destaca-se que a discussão da inclusão social está ainda em patamar teórico e pouco prático, considerando como apoio escolar e práticas inclusivas. Entretanto, mesmo com todas as dificuldades, o professor deve estar atualizado sobre as políticas e direitos inerentes ao tema e deve empregar suas habilidades pedagógicas nos mais variados contextos, em especial, na Educação Física.

É preciso buscar conhecimento sobre as especificidades de cada deficiência para conseguir trabalhar com elas. Na teoria, as leis são bem elaboradas, mas na prática, grande parte dos profissionais não são especializados para intervir com estudantes que necessitam ser incluídos. Sendo assim, é de fundamental importância, que se conheça o conceito do Transtorno do Espectro Autista, o qual é abordado nesta pesquisa.

No que concerne ao entendimento do autismo, destaca-se que os alunos necessitam de acompanhamento em vários campos para um desenvolvimento satisfatório como: psicológico, psiquiátrico, familiar, educacional, social, dentre outros.

Reportando-se sobre o Autismo e inclusão em escolas, Camargo e Bosa (2012) evidenciam a necessidade do conhecimento das particularidades da deficiência de cada estudante para que sejam oferecidas práticas pedagógicas atrativas, motivadoras e específicas, garantindo uma real inclusão destes alunos. Já Falkenbach; Drexler e Werle (2007), coloca que tanto na Educação Física, como nas demais práticas da

escola regular, a inclusão pode constituir-se em uma ação extremamente complexa aos professores e à comunidade escolar, uma vez que a ação pedagógica tem buscado a universalização e uniformização do conhecimento. Este aspecto dificulta analisar a individualidade e as relações entre as diferenças.

Neste sentido, ressalta-se a carência de profissionais que tivessem entendimento do que realmente se trata o autismo e de como trabalhar com estes estudantes. Reitera-se, através de leituras, que muito se fala a respeito de inclusão e em deficiências, entretanto, o conhecimento sobre elas e suas implicações, conceitos de intervenção e particularidades de cada sujeito, além da maneira de como intervir na busca de um melhor desenvolvimento das práticas neste campo são questões que precisam de concretude.

Oliveira *et al.*, (2017), para além deste cenário constitucional, mostra em seu estudo que atualmente estamos num cenário de disputas em relação as políticas públicas brasileiras para o TEA, onde existem discordâncias teóricas e clínicas entre as partes envolvidas. De um lado, um documento que aborda o transtorno como pertencente ao campo das deficiências, propondo tratamento através da reabilitação e; do outro, um documento que reconhece o autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento, pertencente ao campo de cuidados psicossocial. A pesquisa conclui que é mais evidente a luta pela legitimidade das teorias que propriamente, a materialização das propostas expostas.

As leis para inclusão são bem elaboradas apesar de, nem sempre, serem colocadas em prática. Já, as leis para os autistas, especificamente, têm caráter generalizado, o que dificulta o reconhecimento das diferenças dos graus e especificidades de cada estudante. É preciso saber para quem ensinamos para conseguir ensinar. Diante deste cenário, é possível identificar que a legislação e os planos teóricos para que a inclusão seja uma realidade nos diversos âmbitos da sociedade são bem formulados. Entretanto, quando analisamos a prática, especialmente em se tratando da inclusão educacional, verificamos a carência e deficiência dos serviços prestados a sociedade. A falta de estrutura física, de materiais e profissionais capacitados é sentida na maioria das escolas e a teoria não se concretiza.

Quanto às dificuldades dos professores com alunos com autismo, vários autores evidenciam que em se tratando dos alunos com TEA, percebe-se que o contato com eles muitas vezes é a primeira dificuldade enfrentada pelas escolas, gerando barreira no processo de inclusão. Outro ponto abordado, é a dificuldade de propor estratégias de socialização para alunos e quais atividades seriam adequadas às suas diversas condições. Mormente, a inclusão de alunos com autismo é questionada por alguns profissionais devido à ausência da formação sobre processos inclusivos na graduação (FIORINI; MANZINI, 2016). Isto corrobora com os artigos explorados, em que o maior déficit em relação ao processo de inclusão escolar se dá devido à falta de incentivo e promoção de conhecimento que possam dar suporte ao crescimento teórico e prático aos profissionais.

Por sua vez, Lemos *et al.*, (2016), conclui que é imprescindível a participação de pais e professores para garantia do sucesso na inclusão escolar. Além disso, a predisposição de ambas as partes para além do conhecimento teórico do transtorno, do acompanhamento e engajamento em relação as estratégias e atitudes tomadas diante dos estudantes. Ressalta também a importância do psicólogo escolar na contribuição deste processo para que consiga mediar e elaborar técnicas que promovam a percepção da melhoria na qualidade de vida e de ensino-aprendizagem quanto as atividades da vida escolar.

Comumente são evidenciadas vivências sobre esta insegurança e falta de conhecimento advindo de uma formação insuficiente para o trato com os estudantes que possuem necessidades específicas. Relato ainda, que não foi contatada efetiva participação dos pais no processo de desenvolvimento destes estudantes e que foi através de busca e análise de informações e experiências de outros profissionais que foi possível moldar as aulas conforme cada estudante e suas especificidades. Vale ressaltar que isto requer muitos estudos, pesquisas e análises para que a prática possa se sobressair e o sistema não continue alienado apenas na teoria.

Finalizando com a categoria benefícios da inclusão para estudantes, os autores Ncube; Perry e Weiss (2018) reafirmam que os benefícios da inclusão são fundamentados em diversos estudos que mostram que a prática é possível e realizável, elevam potencialidades e competências, além de melhorar qualidade de vida dos estudantes.

Corroboramos com os estudos, uma vez que, as atividades, quando direcionadas e produzidas, geram efeitos positivos no desenvolvimento dos estudantes, sejam pessoas com deficiência ou não, melhoras em suas capacidades cognitivas, motoras, sócio afetivas, contribuindo com a qualidade de vida.

Diante da necessidade de se estabelecer uma inclusão efetiva, é importante conhecer seus obstáculos e suas vantagens. Tanto as produções nos artigos científicos quanto a literatura colocam a importância da inclusão educacional, seus desafios e dificuldades. Dificuldades estas, verificadas ainda em ambientes escolares, não apenas pela carência de recursos, mas de profissionais interessados e éticos em sua profissão, de uma política eficaz e do envolvimento de familiares e outros profissionais neste contexto.

Em sua particularidade, a Educação Física acompanha esta realidade e possui meios para proporcionar aos estudantes com deficiência melhoras significativas em seu desenvolvimento escolar. Porém, nem sempre conta com profissionais comprometidos com as mudanças e com a reformulação de suas práticas em função das particularidades existentes.

Constata-se mediante resultados, que é preciso uma reformulação mais efetiva nos currículos de formação dos profissionais da área da educação, em todos os níveis, visto que a cada dia mais alunos são recebidos na rede regular de ensino e as dificuldades permanecem refletindo na falta de um melhor aproveitamento dos alunos e dos educadores. Por isso, deve haver mudanças na maneira de planejar a inclusão, viabilizando metas tangíveis e estratégias que possam resolver e lidar de maneira eficaz com os obstáculos, respeitando as diferenças de cada aluno, ajudando cada um a suprir suas dificuldades (PLAUTZ *et al.*, 2016).

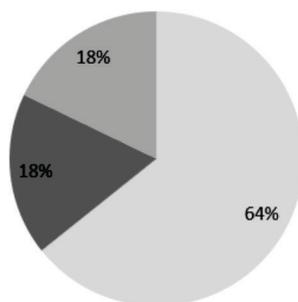
### Importância da educação física no TEA: percepção de pais e responsáveis

As aulas de Educação Física proporcionam excelentes oportunidades de aprendizagem para os indivíduos autistas, bem como prazer e melhora da autoestima e qualidade de vida. Os benefícios do esporte e da atividade física não se limitam, simplesmente, ao bem estar da pessoa. As famílias precisam ser parte ativa nesse processo. A partir delas é que se consegue um resultado mais efetivo, engajamento e aproveitamento da criança no que se propõe de atividades. Em alguns casos, o que dificulta esse processo é a não aceitação pela família da condição, transtorno ou deficiência que o aluno possui (SANTOS; SOUZA, 2019).

Este estudo avaliou a percepção de pais e responsáveis acerca da importância da educação física e dos professores no cuidado com as crianças autistas. Do total da amostra (n=28), 96% era composta por mães e 4% por pais de crianças com diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista com média de idade de 8,13 anos, onde 50% apresentam um grau de autismo leve, 42,9% moderado, 3,6% severo e 3,6% não souberam responder. A Figura 1 demonstra a importância da prática da educação física pelos alunos com TEA a partir da visão dos pais ou responsáveis. Os dados apontam que a maioria destes acreditam que a socialização e interação com outras crianças foram os aspectos mais evidenciados nos alunos. Este resultado demonstra que a educação física tem um papel importante na inclusão da pessoa com autismo, atuando, não somente no desenvolvimento físico, mas também no psicológico e na socialização em ambiente escolar e fora dele.

**Figura 1** - Percepção dos entrevistados quanto aos benefícios das aulas de educação física para as crianças.

- Socialização e interação com outras crianças (Aspectos Sociais).
- Concentração, diminuição da ansiedade e melhora da autoestima (Aspectos Psicológicos)
- Preparo físico, disposição para outras atividades e tonificação muscular (Aspectos Físicos)



Fonte: elaborado pelos autores.

Estudo realizado com 51 professores que trabalhavam com crianças e/ou adolescentes com algum tipo de diagnóstico, incluindo o Espectro do Autista, analisou a atuação profissional de modo a contribuir, principalmente, no desenvolvimento da comunicação e relações interpessoais. Isso demonstra que a inclusão de crianças com TEA é algo possível e que o desenvolvimento dos fatores sociais foi o que mais se destacou. Assim, entende-se que a inclusão de crianças com TEA é possível, pois existem respostas positivas comprovadas quanto aos aspectos sociais. Porém, se a escola se escola tiver infraestrutura adequada, profissionais qualificados e uma equipe multi e transdisciplinar (diretoria, coordenação, professores, assistentes, familiares) é ainda mais proveitoso e satisfatório o resultado quanto a esse tópico. Além disso, os profissionais

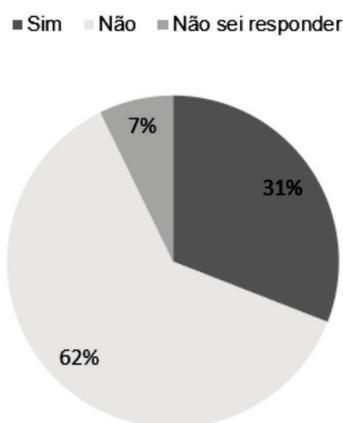
necessitam ser orientados e acompanhados com treinamentos e reciclagens constantes, para que a inclusão possa ser contínua e eficaz.

Os benefícios da prática da atividade física e esportiva para as pessoas com deficiência já está evidente na literatura. Segundo Vieira (2010), elas podem ajudar na melhora da autoestima, da condição física, das condições organo-funcionais, na potencialização do desenvolvimento psicomotor e cognitivo, prevenção de estados depressivos e de ansiedade, desenvolvimento social, estímulo a independência, segurança, autonomia, dentre outros. Assim, as crianças podem canalizar seus estímulos e desprende-los de forma adequada e funcional, aprendendo também o autocontrole e gerando autorregulação, itens importantes para comportamentos socialmente relevantes.

No que concerne ao preparo dos profissionais de educação física para atendimento e prática com alunos com TEA, os pais e responsáveis demonstraram percepção negativa, a qual apresentou que 62% deles acreditam que os professores não possuem preparo adequado para este público (Figura 2). Os dados mostram a não confiança das famílias quanto a esses profissionais, refletindo incoerência, pois de um lado, evidências mostram a importância deste profissional no desenvolvimento sócio emocional e motor das crianças e, de outro lado, a falta de confiança quanto aos professores de educação física por não haver conhecimento e preparo **técnico** para o trabalho direcionado a esse grupo. No entanto, esses dados também podem refletir falta de conhecimento dos pais referente a técnicas empregadas pelos professores, causando uma falsa impressão de despreparo.

Ressalta-se também possíveis dificuldades enfrentadas pelos professores, como número reduzido de profissionais para atuação com os grupos, tempo destinado à educação física dentro das atividades escolares, rotatividade de professores, ausência de atividades integradas com outros profissionais – principalmente, psicólogos e pedagogos.

**Figura 2** - Percepção dos entrevistados sobre se os professores de educação física possuem adequado preparo frente a pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Elaborado pelos autores.



Fonte: elaborado pelos autores.

Resultados nesta perspectiva nos remete a questionar sobre quais fatores orientam a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física. Possíveis deficiências na comunicação, entre o eixo professor-pais-alunos podem ser melhor analisados. Visando alcançar a inclusão, os professores devem atuar na tomada de decisões, de modo em que suas ações necessariamente devam corresponder à diversidade da turma e também as particularidades dos seus alunos. O contexto social e emocional em que o aluno é inserido e suas relações familiares são fundamentais para melhora do processo ensino-aprendizagem.

Promover estratégias pedagógicas visando melhorar aspectos do desenvolvimento dos alunos com TEA em práticas de educação física são ações motivadoras para professores. O quadro 1 expõe características especiais quanto aos aspectos cognitivo, motor, psicológico e social que podem auxiliar educadores físicos e psicológicos em sua prática profissional.

**Quadro 1** - Características particulares de crianças com Transtorno do Espectro Autista relacionadas a diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo e comportamental.

Aspectos do desenvolvimento	Características
<b>Comunicação</b>	Padrões incomuns de comunicação; Dificuldade de compreender o que é dito ou de se fazer compreender; se expressar usando gestos ou sons incompreensíveis no lugar da fala funcional.
<b>Social</b>	Ausência/déficit de interesse social ou interações sociais incomuns, padrões de brincadeira não-funcionais; evita ou tem pouco contato físico com outros; Não brinca com outras crianças ou prefere brincar sozinho; Contato visual pouco ou ausente; Age como se não escutasse; Às vezes, não procura ajuda quando se machuca.
<b>Aprendizagem</b>	Dificuldades para planejar, organizar e enfrentar a mudança; Hiperatividade e/ou problemas de atenção e concentração; Falta de interesse por materiais ou atividades de aula.
<b>Psicológico</b>	Comportamentos disruptivos, propensão à ansiedade; Mudanças de humor sem causa aparente.
<b>Motor</b>	Alteração nos padrões de movimento; alguns apresentam marcha atípica, falta ou falha na coordenação global, deficit de coordenação motora fina e sensorial.
<b>Cognição</b>	Deficiência intelectual ou inteligência acima da média; Fixação em determinados assuntos.

Fonte: adaptado de Nabeiro e Silva, 2018.

## CONCLUSÃO

Este trabalho verificou que após a análise dos artigos científicos e a análise dos dados coletados através da plataforma de coleta de dados *Google Forms* que, embora a legislação para inclusão de pessoas com deficiência possua protocolos já elaborados e publicados, ainda se observa baixos níveis de inclusão no contexto social e educacional. É preciso a transdisciplinaridade dos segmentos das quais as pessoas com deficiência ou atraso no desenvolvimento estão inseridas para que o sistema inclusivo seja eficaz, com o engajamento e práticas robustas que visem o progresso de todos os envolvidos, tanto cognitivamente quanto emocional e socialmente.

Foi possível verificar que estratégias de ensino significativas que atuem nas competências e habilidades de cada criança e especializações adequadas aos professores de educação física são as maiores ferramentas para estes profissionais e que podem promover comportamentos que produzam resultados efetivos, se bem desempenhadas. A inclusão dos alunos nas aulas de educação física pode ser verificada, efetivamente, para todas as crianças, com deficiência ou não. O sucesso da inclusão das pessoas com TEA nas aulas obtêm destaque quando vários fatores como suporte emocional, formação adequada do corpo docente e atitudes que promovam qualidade de vida e bem estar ao aluno são explorados pelos professores. Saber identificar as características específicas de cada estudante com TEA e buscar metodologias eficazes para desenvolver a independência e socialização deles, fazem da educação física uma área de grande importância para evolução motora, cognitiva e socioemocional as pessoas com este transtorno. Podemos verificar também que as famílias estão pouco engajadas neste âmbito, por esperar profissionais capacitados que saibam elaborar e desenvolver atividades que corroborem com o progresso do aluno.

Conclui-se que se faz necessário políticas públicas mais eficientes e adaptativas, que possam oferecer materiais adequados para o ensino desses professores e para que possa cobrar dos estabelecimentos educacionais o cumprimento das leis em relação a educação inclusiva, contexto do qual faz parte a Educação Física. Para isto, o investimento na área da educação no País deve seguir um protocolo que visa o cumprimento de práticas inclusivas, principalmente, no âmbito escolar, onde a criança passa a maior parte do tempo da sua vida aprendendo, ensinando e convivendo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A.C.; NETO, F.L. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. XVI, n.1, p.67-82, 2014.
- BENITEZ, P.; DOMENICONI, C. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v.22, n.1, p.163-172, abr. 2018.
- BRASIL. Lei Nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 2, Brasília, DF. 1996.
- BRASIL. **Diário Oficial da União** (DOU) de 28 de dezembro de 2012. Pág. 2. Seção 1. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- CAMARGO, S.P.H.; BOSA, C.A. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.28, n.3, p.315-324, jul./set. 2012.
- ELDEVIK, S.; HASTINGS, R.P.; HUGHES, J.C.; JAHR, E.; EIKESETH, S.; CROSS, S. Meta-Analysis of Early Intensive Behavioral Intervention for Children with Autism. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v.38, n.3, p.439-450, 2009.
- FALKENBACH, A.P.; DREXSLER, G.; WERLE, V. Didática da Educação Física e Inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre: Colégio brasileiro de ciências do esporte, v.28 n.2, p.103-119, 2007.
- FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. **Rev. bras. educ. espec.**, v.22, n.1, p. 49-64, mar. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382016000100049&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000100049&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000100005>.
- LEMOS, H.E.L.M.D.; SALOMÃO, N.M. R.; AQUINO, F.S.B.; AGRIPINO-RAMOS, C.S. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.28, n.3, p.351-361, set.-dez. 2016.
- NABEIRO, M.; SILVA, F.C.T. da. Atividade física e transtorno do espectro autista. In: GREGUOL, M.; COSTA, R.F. da. **Atividade Física Adaptada**: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 4.ed. Barueri: Manole, 2018. Cap. 4. p. 99-120.
- NCUBE, B.L.; PERRY, A.; WEISS, J.A. The quality of life of children with severe developmental disabilities. **Journal of Intellectual Disability Research**, v.62, n.3 p.237-244, 2018.
- OLIVEIRA, B.D.C., FELDMAN, C. COUTO, M.C.V., LIMA, R.C. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.27, n.3, p.707-726, 2017.
- PLAUTZ, A.N.; XAVIER, R.R; STRAPASSON, A.C; MEDEIROS, S.L; MACHADO, F. O aluno autista nas aulas de educação física – as dificuldades e os caminhos para o processo de inclusão. **Anais XXI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO – SIEDUCA**, n.1, p.1-5, 2016.
- SANTOS, J.L. dos; SOUZA, L.S.C. A importância do acompanhamento multidisciplinar para o aluno portador de Transtorno do Espectro Autista. **Revista Conhecimento em Destaque**. Edição Especial. p.2238-6548, 2019.
- VIEIRA, I.B. Atividades físicas e esportes inclusivos para pessoas com deficiência física. In: FERREIRA, E.L. (org.). **Atividade Física, Deficiência e Inclusão Escolar**. Niterói: Intertexto, v.1, p.50-112, 2010.

Rua Joaquim Eduardo de Farias, 209 – Bairro Ponta Negra  
Condomínio Sun Set – Ap 1203 – Torre B  
Natal/RN  
59091-130